

O perfil identitário advindo da região do cacau: uma construção da cultura local

Mércia Socorro Ribeiro Cruz¹

Os pássaros e os índios
sumindo... sumindo... sumindo
como fora o macaco jupará semeando a roxa
amêndoa nas matas aprovando o cacau que os
homens trouxeram para as Terras do Sem Fim.
José Delmo

Resumo: Este trabalho tem como objeto de estudo o perfil identitário da Região do Cacau, Região Sul-baiana, sua história e consolidação. Tem como objetivo apontar para uma compreensão clara dos aspectos que influenciaram na construção de uma identidade local. Para tanto, buscou-se mapear uma descrição da história com foco na Literatura para firmar a construção de uma identidade que resultou em vários bens simbólicos da Região. O referencial teórico está centrado em Stuart Hall, Eric Hobsbawm e Maurice Halbwachs. Com base nas reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho pode ser evidenciado o quanto a história e a ficção se influenciam reciprocamente e constituem a narrativa que nos identifica.

Palavras-chave: Região do Cacau, Identidade local; História; Literatura.

¹ Pós-Graduanda em Estudos Comparados em Literaturas de Línguas Portuguesas pela UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz. Integrante do Grupo de pesquisa – ICER – Identidade Cultural e Expressões Culturais – DLA, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Netto Simões. *E-mail:* mercia_melrc@hotmail.com/ www.uesc.br/icer.

Abstract: The object of study of this paper is the identification Cacao Region, Region South Baiana, his history and confirmation. Have with object to show an white understanding of the appearance that influence in the building of the local identity. To look for the history a connection with the Literature to secure the building of the identity that to succeeded on various goods symbolic of the Region. The theoretical reference was in Stuart Hall, Eric Hobsbawm, and Maurice Halbwachs. Inspired in reflection this study was proved all that the history and the fiction have influence in the narrative that is identity.

Keywords: Cacao region; Local identity; History; Literature.

Introdução

A Região Sul-baiana sinaliza para os leitores e turistas a sua identidade, rica de expressões culturais, na literatura, na música, no artesanato, na escultura, nas comidas típicas da região, nos gostos e sabores dos frutos temperados nos licores e bebidas locais, tão descritos nas obras literárias. O imaginário local é aguçado pelas histórias contadas, histórias vividas ou simplesmente imaginadas.

Em torno do que representou para tal comunidade o cultivo do fruto do cacau, nasceram muitas histórias e outras se redimensionaram na perspectiva do artista que vivenciou a experiência do pertencimento. Nessa compreensão, o estudo se propõe mapear traços dessa cultura que, nas mãos de escritores como Jorge Amado (referência internacional), Adonias Filho, Telmo Padilha, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos, Valdelice Pinheiro, Ruy

Póvoas, e uma gama extensa, é cantada em suas dores e suas alegrias, com seu povo e sua terra.

O estudo firma-se em conceitos teóricos de Hall com relação aos aspectos identitários e o sentido de “lugar”, Hobsbawm com relação ao sentimento de pertença e sentido de tradição, Halbwachs no que se refere à memória. A metodologia traçada parte da descrição da história com foco na literatura para confirmar a construção de uma identidade que, de modo singular, repercutiu em variados bens simbólicos.

O trabalho divide-se em três tópicos, no intuito de apontar para uma compreensão clara dos aspectos que influenciaram a construção da identidade local. No primeiro momento, será mostrado como a cultura do fruto cacau disponibilizou elementos inspiradores para a criação literária e firmou uma identidade local. No segundo momento, através da literatura, mostrar-se-á como tais elementos foram transpostos para além do tema “cacau”, criando novas possibilidades de construção, sem, contudo, perder o perfil local. Por último, serão observados aspectos dessa cultura na forma de saberes e sabores, numa parceria que combina realidade e ficção.

O Fruto e a Identidade no Percorso de uma Caminhada

O conceito de identidade, aqui abordado, é “como processo em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e interagindo na trama discursiva sem paralisá-la” (BERND, 2003, p. 18). O fruto do cacau, por três décadas, dominou e reinou

como um império na Região Sul-baiana, advindo daí uma postura dominadora dos coronéis da época, no trato da lavoura, na mão de obra explorada por aqueles que comandavam e eram favorecidos pelo fruto de ouro.

Desse modo, em torno das vivências locais, das relações de desmando, de poder do mais forte, da opulência, muitas histórias se criaram e aqueles que conviveram com essa realidade sentiram a diferença da Região do Cacau em relação às outras localidades. O Sul da Bahia ganhou, por conta da forte cultura do cacau, cultivada em municípios como Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Uruçuca, Una, Canavieiras e Santa Luzia – a denominação de Costa do Cacau, na classificação das costas turísticas do Estado da Bahia.

Tão forte foi a cultura dessa Região que parecia independente do restante da Bahia e, de certa forma, o foi por algumas décadas. Aquilo que Hobsbawm e Ranger chamam de *invenção da tradição*: “tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas... *Tradição inventada* significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos” (HOBSBAWM apud HALL, 2004, p. 54).

Histórias traçadas por conta de conquistas e poderes, rituais de festas e práticas locais, costumes e tradições em torno de um modo de vida, de crenças que perfilam identidades locais. Assim afirma Bernd apud Ricoeur (2003, p. 19):

Identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra

a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra.

Sendo assim, a identidade associa o *sentimento de pertença* a determinada localidade e faz com que o indivíduo se veja nas histórias narradas e defina-se vinculado àquela realidade. Conforme Hall (2004, p. 62), “a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo”. Contudo, é sempre apropriado lembrar que as nações modernas são todas *híbridos culturais*.

Homi Bhabha (1998, p. 29) alerta para os perigos da “fixidez e do feitiçismo das identidades”, sendo inviável estabelecerem certos isolamentos, devendo-se evitar que as identidades se estabeleçam em polaridades primordiais. Nesse sentido, a identidade não é algo fixo ou puro que permanece inalterável:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos pelos *outros* (HALL, 2004, p. 38-39).

A Região Sul-baiana está situada na Mata Atlântica remanescente, composta de grande biodiversidade, com clima favorável ao cultivo do fruto de ouro que, por várias décadas, como foi dito, alimentou o imaginário de muitas histórias. O romance *Cacau*, de Jorge Amado, narra histórias vividas e inspiradas por outras da Região:

Ao se deixar banhar pelo discurso da utopia socialista, o texto revela claramente o intuito de fazer da escrita um gesto político. O resultado é a configuração de um laço mimético com o real, que lastreia a seu modo um *conhecimento* do país, fundado tanto nas concepções partidárias, quanto numa fina intuição de nossa realidade e do caráter do nosso povo. Esse traço mimético emerge por entre as frestas do romanesco para deixar falar as vozes subalternizadas no processo social e, dessa forma, contar a história dos vencidos.

A propósito, é ilustrativo o depoimento de José Paulo Paes: “Li *Cacau* pela primeira vez no começo da adolescência; foi por seu intermédio que descobri então poder a literatura ser, mais do que veículo de entretenimento, uma via privilegiada de descoberta do mundo; no caso, especificamente, da realidade brasileira” (AMADO, 1997, p. 92).

Nota-se que a construção da identidade é indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura. A história influencia e é influenciada, pragmática textual e histórica (GUMBRECHT, 1977), pela literatura, na medida em que realidade e ficção se entrelaçam, seja para contestar, seja para confirmar parte de uma vivência local com base no imaginário do escritor e também da comunidade que alimenta a

história na mente coletiva.

Desse modo, em romances literários há uma predominância de falas saídas da periferia social e econômica do país, não importa se advindas das terras do Sul da Bahia ou de outra parte, vêm imbuídas do desejo de denunciar a exploração capitalista, o desmando o regime *semifeudal* dos fazendeiros, *mas também para a elevação do “herói positivo” em sua trajetória rumo à consciência e a transformação social* (AMADO, 1997, p. 93).

Importa ressaltar que uma literatura em fase de afirmação irá nutrir-se da seiva que lhe oferece a sua região, todavia, à medida que se alarga o horizonte da criação, as identidades se dissolvem, “a literatura passa a assumir os problemas universais que permitem que qualquer ser humano neles se reconheça” (BERND, 2003, p. 13). Em se tratando da Região Sul-baiana, a gama de escritores existentes, após o primeiro momento do cacau, sua saga e histórias em torno de seu período áureo, transpõe esse tema para firmar-se no âmbito da literatura universal sem perder, com isso, a concepção local.

A Literatura em Movimento de uma Cultura

A literatura, através de escritores regionais tais como Adonias Filho, Jorge Amado, Telmo Padilha, Hélio Pólvora e outros, traça a forte impressão causada pelo pertencimento a uma Região que, em meio a um contexto socioeconômico e cultural, sobrepõe em sua forma narrativa conflitos gerados pela condição humana e torna reconhecida a problemática narrada por outro leitor de qualquer região.

Reconhecidos internacionalmente, através de

prêmios concedidos por sua literatura, os escritores regionais transportam parte desse mundo que faz a sua inspiração, diz respeito ao “seu lugar”, para outras localidades e, desse modo, conduzem ao encontro de culturas. A literatura, portanto, através da narrativa, compõe símbolos e representações. Para Hall (2004, p. 50), “uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

Nessa perspectiva, a literatura, ao mesmo tempo em que acompanha a construção da cultura local, a busca identitária, está emitindo um discurso, contudo, (BERND, 2003, p. 17), “a busca identitária, inevitável durante os períodos de crise, corre o risco de transformar-se em etnocentrismo, isto é, em erigir, de maneira indevida os valores próprios da sociedade à qual se pertence, em valores universais (TODOROV, 1989, p. 49)”. A literatura, nesse sentido, deve observar o cuidado com a narrativa como definição de uma identidade não fixa.

De acordo com Hall (2004, p. 51), “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas..., memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas”. Sabe-se que as identidades, não sendo fixas, propiciam mudanças que se dão tanto na história quanto na literatura, como resultado do multiculturalismo e das constantes transformações geradas pela midiaticização na atualidade.

Em se tratando do contexto sociocultural do Sul da Bahia, houve uma forte mudança nos valores vinculados à cultura local, antes prioritários, devido à condição

econômica, que se transformaram por conta de outros valores adquiridos a partir da queda do *Cacau*. O registro de uma época reporta a história e a literatura em suas memórias e vivências. O discurso se deslocou e ampliou-se para além do tema que inspirou o imaginário da região numa concepção madura em sua literatura.

A nossa identidade já não é mais concebida como uma associação exclusiva a uma comunidade nacional, faz parte de uma miscelânea de culturas que se interpenetram. Naturalmente, quando há referência a uma cultura local tem-se a influência de outras culturas, uma vez que não existe uma cultura pura. Influenciamos e somos influenciados a todo instante. Assim, de acordo com Simões (2003), “se a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, temos que a *transição* de identidade, ocasionada pelas diferentes interpelações do momento histórico, fortalece o aspecto político da identidade dos povos de *determinada [grifo meu] cultura*”.

De acordo com Homi Bhabha (2003, p. 207) com relação ao discurso da narrativa:

Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente do performático. É através desse processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de escrever a nação.

Sendo assim, a tensão entre o pedagógico e o performático identificados na narrativa da nação converte-se em referência a um “povo”. No caso específico de

uma Região ou localidade, estratégias complexas de identificação cultural e de interpretação discursiva funcionam em nome do “povo” tornando-os sujeitos imanentes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias. É nesse sentido que os romances literários que descrevem as figuras dos coronéis através da apropriação de uma linguagem emitem um discurso que pode conter uma ambiguidade da representação tão logo a norma seja colocada (BHABHA, 2003, p. 208), “Somente a autoridade do senhor permite que a contradição seja ocultada, porém ele próprio é um sujeito de representação; apresentado como o detentor de um saber sobre a norma, ele permite que a contradição se torne visível através de si próprio”.

Com a narrativa de Jorge Amado, algumas dessas figuras ficaram marcadas em páginas que contrapõem realidade e ficção numa narrativa discursiva singular:

Jorge alcança grandeza plena é na reconstituição, em palavras, do mundo do cacau. O cacau pode até desaparecer, substituído por algum sincrético. Mas os livros de Jorge permanecerão, sempre reeditados, lidos e relidos, como o retrato daquela humanidade singular de duros senhores da terra, de esmagados lavradores do cacau, de mulheres belas, livres e amorosas que tanta artista gosta de encarnar (AMADO, 1997, p.28).

Desse modo, o universo literário e a história vão traçando narrativas relacionadas ao povo e a sua cultura, sempre se valendo de elementos que, em forma de entidades políticas, são poderosas fontes simbólicas e afetivas de identidade cultural. A ambivalência do discurso narrativo é uma estratégia criada pela história

(Pedagógico); a contranarrativa (Performático) ressignifica esse contar da história por outro viés através da *literatura*.

Assim, a nossa literatura traz traços identitários que, por meio do perfil de heróis típicos, vão compondo situações típicas e apontam para o jogo de contradições da sociedade capitalista. A contribuição dos escritores regionais, em toda extensão, impôs à Literatura Brasileira um romance com base numa tradição ainda mais realista, numa associação dos personagens narrados a movimentos ligados à sociedade, estando alerta para o fato no qual tais personagens e seu destino veiculam movimentos “sob o impulso de forças básicas que conferem historicidade às tensões entre indivíduos e classes” (AMADO, 1997, p. 98).

Por tudo isso, afirma Fábio Lucas (1989, p. 98):

Pode-se notar personagens, grupos e classes retratados na ficção, cujo destino, bem ou mal logrado, se torna representativo da situação histórica que a determina: os conflitos subjacentes à trama aparecem nitidamente, quer sob o aspecto positivo, construidor, quer sob a condição negativa, de posição crítica e condenadora da ordem considerada injusta. Emerge da trama ora um herói positivo, ora um herói problemático. O ético e o político se juntam na fixação de um caráter.

Será, portanto, pela via literária, que o leitor irá *contemplar as forças decisivas da História, aquelas que darão significados ao esforço humano* (1989, p. 99). Importa ressaltar que a consciência moral a respeito da condição humana das desigualdades, da opressão, do desmando tem início nas condições materiais que as formaram num processo histórico, dando alternativas de superação. O

leitor, em muitos momentos de reflexão, atenta para tais problemáticas sociais que lhe chegam como um recorte de situações reais num contexto que diz respeito a uma localidade com a qual pode se *identificar*.

É então, nesse momento, que a literatura transpõe o aspecto local e passa a ser uma literatura universal, visto ser a realidade daquele “lugar” uma problemática que traz aspectos referentes a situações onde o leitor, mesmo que não pertença àquela região, também se identifique pela ordem social no que concerne à exploração, às desigualdades, às injustiças, que são temas relacionados à linguagem universal.

Impera nessa narrativa o imaginário local e juntamente com ele vem o perfil de uma Região construída permanentemente com base na história contada e vivida e que está presente na memória de um povo que viu nascer, florescer e dar frutos uma Região que é parte de sua vida e história. A História que se redimensionou em tantas outras histórias no romance, na crônica e nos poemas.

A lembrança que temos ao lermos e, nos identificarmos, com um romance reporta ao que diz Halbwachs:

Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem a sua origem em parte alguma senão em nós, idéias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal,

reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós.

É conclusivo pensar que o espaço da ficção é também aquele que possibilita nos identificarmos com a narrativa como a *nação que só se constitui na medida em que se refuta, que só se ergue na medida em que se problematiza, que só se cristaliza no momento efêmero de sua próxima dissipação* (SANTOS, 1996, p. 111).

A Identidade Gapiúna, seus Saberes e Sabores

Conforme a definição de Halbwachs (1990, p. 15), “somos levados ao estudo dos acontecimentos humanos mais simples, tais como eles se representam na vida real, no decurso das múltiplas dramatizações, onde se defrontam os papéis reais e imaginários, as projeções utópicas e as construções arbitrárias”.

O Sul da Bahia, também reconhecido pela literatura como Região do Cacau, através das vozes literárias, dos imaginários ficcionais diversificados, nas variadas expressões de bens simbólicos, compõe uma identidade singular denominada de identidade Gapiúna. Trata-se de firmar na memória individual e coletiva os mitos fundadores de uma comunidade, a história que se fez conhecida por um longo período, no modo de ser, nos costumes, nas crenças, nas vivências locais que foram moldando uma identidade relativizada, ou seja, que “com o passar do tempo, amplificou-se, construindo como uma *diferença* sem

negar o outro” (BERND, 2003, p. 19).

As terras Grapiúnas falam do cotidiano de um povo que marcou com suas histórias uma Região e inspirou artistas, poetas, escritores, ficcionistas, escultores, pintores, artesãos... e uma gama variada de intelectuais que se inspiraram na cultura local para criar por intermédio de ‘suas histórias’, outras tantas. Assim, “a ‘memória histórica’, de um lado, que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a ‘memória coletiva’, de outro, aquela que recompõe magicamente o passado” (HALBWACHS, 1990, p. 14-15) contribuíram para formar o perfil identitário da Região.

É forte a impressão em quem lê um romance regional, lê um poema, mesmo que não tenha vivido as histórias contadas, através do imaginário do escritor: o leitor consegue visualizar tais histórias, por conta da nitidez das imagens que se formam em sua interação com o texto, no modo como ele recebe aquela informação. É interessante pontuar que pela literatura é possível encontrar “elementos de uma sociologia da vida cotidiana, ou, mais precisamente, as pressuposições que permitiriam a análise sociológica examinar as situações concretas nas quais se acha implicado o homem de cada dia na trama da vida coletiva” (1990, p. 16).

Com referência a essa assertiva, o escritor sul-baino Euclides Netto nos diz:

Se fosse reunir o que já se publicou sobre a Fazenda do Povo, daria um gordo livro. Nasceu da vontade de fazer uma experiência socialista, sem ficar somente na proveta do laboratório de sociologia e política. Volta a história de multiplicar o trabalho. [...] De uma semana para outra vieram centenas de

criaturas. Virou uma festa. Um torvelinho de gente na cantiga do machado ecoando nas derrubadas, o tinir dos facões no lugar das foices, o repicar alegre dos martelos, o terrear guloso das enxadas. Alegria dos meninos socando casas de taipa, moças faceiras pisando barro, homens ajudando uns aos outros e surgindo nas dobras dos pequenos vales, os boquis. As roçadas, as goivas, as cinzas mornas das queimadas. As sementeiras, leiras, plantadeiras. Proibido lavrar fumo. Nem mandioca. Nem cacau. Devia sim, cultivar coentro, tomate, cebola verde, legumes de produção rápida para virar dinheiro na feira que os não tinha. [...] Mas sábio e eficiente que distribuir comida de graça, alimentando o ócio, engordando a demagogia como se faz hoje, enquanto os bancos, banqueiros, bacarás, cevam-se com os juro dos lavradores (Euclides Netto apud SIMÕES, 2007, p. 53).

É pertinente observar na fala do escritor a transparência de quem conviveu com uma realidade que fez parte, no processo de construção de uma época, do contexto histórico-cultural da Região. As impressões são acentuadamente marcadas na linguagem que representa o que foi, o que está sendo e, quem sabe, pode vir a ser o mundo da inspiração. Mundo este, não afastado da realidade, mas que, influenciado por ela, é ressignificado nas mãos do artista, do escritor e volta influenciando a história através da arte.

Pensar em uma identidade Grapiúna não é pensar em um separatismo, em uma individualidade num contexto maior, em uma identidade fixa, isolada, mas, sim, pensar numa Região que tem as suas credences, seus mitos, sua história construída ao longo dos anos, sua memória,

sua marca no tempo que não se paralisa, continua se transformando, sem, com isso, perder de vista o “sentido de lugar”, de particular, de morada (HALL, 2004).

Certamente, há um trabalho construtivo realizado por conta da literatura, nas mãos dos escritores, e pelos artistas, de modo geral, no modo de dizer a sua cultura, de falar da sua localidade sem ser etnocêntrico ou reacionário, buscando, acima de tudo, respeitar a diferença, sem negar o outro, expressar a sua identidade. A identidade de um povo que foi construída com a saga do cacau, seu apogeu e queda, sua glória e tristeza. A esperança que trouxe outras perspectivas e realizações para uma Região que continua tendo possibilidades potencializadoras por serem trabalhadas.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas neste estudo podem entrever o quanto ficção e realidade caminham paralelamente. Tanto a história quanto a ficção são construídas a partir de fatos narrados, sendo que na primeira há uma ordem cronológica e uma forma de contar esses fatos onde o povo representa uma presença histórica a priori (BHABHA, 2003), ao passo que na segunda, o caráter “performático intervém na soberania da *autogeração* da nação ao lançar uma sombra *entre* o povo como “imagem” e sua significação como um signo diferenciador do Eu, distinto do Outro ou do Exterior” (p. 210).

A Literatura regional tem em sua fonte de inspiração o imaginário da cultura local, das histórias que fazem parte

do universo descrito pelos escritores, da tradição e dos costumes de um povo que serve de base para a criação de muitas outras histórias que através do imaginário do artista são ressignificadas e contadas de uma forma diferente daquela narrada pela História. Nesse sentido, a literatura contribui para traçar esse perfil identitário quando por intermédio da narrativa amplia os focos da cultura local.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o perfil identitário da Região do Cacau não é um perfil do tipo etnocêntrico, que se atém ao tema *Cacau* exclusivamente, compondo um quadro de referência, porém é um perfil cuja identidade vem sendo construída pelas marcas geradas na história da Região que juntamente com os mitos fundadores da comunidade tem na literatura, dentre outros meios, a recuperação da memória coletiva, sem com isso fixar-se unicamente nesse tema. A maior comprovação disso é a literatura de escritores regionais que trabalham, em suas obras, temáticas que estão além das questões locais, sendo premiados internacionalmente pela universalidade de sua obra.

Afinal, todo 'lugar' traz um pouco do todo com o qual nos identificamos, isso porque as lutas, as esperanças, as conquistas, as derrotas e vitórias... as histórias podem ser diferentes, mas sempre remontam lembranças nunca perdidas na memória de quem vive a cada dia o seu dia:

[...] O universo infantil de minhas fantasias nascia do mundo que me cercava - uma vida que tinha cor, cheiro, gosto, som e que vibrava entre meus dedos às vezes como uma flor, outras como o pelo de um animal que parecia me dizer coisas de luz, de lugares iluminados no fundo da terra... (PINHEIRO apud SIMÕES, 2007, p. 98).

Referências

- AMADO, Jorge. **Cadernos de Literatura Brasileira**. N. 3, Instituto Moreira Salles, 1997.
- BERND, Zila. **Literatura e identidade nacional**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: VÉRTICE, 1990.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LUCAS, Fábio. **Do Barroco ao Moderno**: vozes da literatura brasileira. São Paulo: Ática, 1989.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão. **Nação**: ficção – comunidades imaginadas na literatura contemporânea. Tese (Doutorado em Letras) UFMG, Belo Horizonte, 1996.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. (Org.) **Esteja a gosto! Viajando pela Costa do Cacau em Literatura e Fotografia**. Ilhéus: Editus, 2007.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. O valor cultural da Bahia – perspectivas de política cultural. **A Tarde**, Salvador, jan. 2003. Caderno 2, p.